A POESIA FEMINISTA LATINO-AMERICANA E AS EXPRESSÕES DE VIOLÊNCIAS NOS POEMAS DE LUIZA ROMÃO, RENATA MACHADO TUPINAMBÁ E ELIZANDRA SOUZA

LATIN AMERICAN FEMINIST POETRY AND THE EXPRESSIONS OF VIOLENCE IN THE POEMS OF LUIZA ROMÃO, RENATA MACHADO TUPINAMBÁ AND ELIZANDRA SOUZA

Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza[1]
[https://orcid.org/0000-0002-8667-4756]

Crislaine Alessandra de Lima Scher[2]
[https://ORCID: 0000-0002-9740-3660]

Paula Maria Lucietto Dylbas dos Santos[3]
[https://ORCID 0000-0002-3605-6028]
DOI: 10.30612/raido.v15i38.14873

RESUMO: A partir da antologia *As 29 poetas hoje*, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, este artigo apresenta uma análise das expressões de violências presentes nos poemas "dia 1. nome completo", "Retomada Originária" e "Palavra de Mulher Preta", das poetas Luiza Romão, Renata Machado Tupinambá e Elizandra Souza, respectivamente. A partir de uma perspectiva interseccional e decolonial buscamos evidenciar as representações dos tipos de violências sofridas pelas mulheres periféricas, muitas vezes subalternizadas por sua condição de gênero, de classe social, de identidade sexual e étnico/racial, que podem invisibilizá-las ainda mais. Portanto, tal análise ancora-se em teóricas como Evaristo (2005), Oliveira (2018), Lugones (2008), hooks (2014), Ribeiro (2016, 2017), Solnit (2017), entre outras. Concluímos que a poesia destas autoras propicia que as mulheres marginalizadas possam realizar o levante cultural contra a sociedade patriarcal, racista e classista, passando a ocupar, no contexto da produção poética latino-americana, lugares de fala na intelectualidade que até então lhes eram negados.

Palavras-chave: Literatura Latino-americana; Autoria Feminina; Feminismo interseccional; Poesia; Poetisas Contemporâneas.

ABSTRACT: Based on the anthology *As 29 poetas hoje*, organized by Heloísa Buarque de Hollanda, this article presents an analysis of the expressions of violence found

1 Universidade Estadual de Londrina (UEL) / Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UEPR).

2 Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UEPR).

3 Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UEPR).

in the poems "dia 1. nome completo", "Retomada Originária" and "Palavra de Mulher Preta", by poets Luiza Romão, Renata Machado Tupinambá, and Elizandra Souza, respectively. We aim to highlight, from an intersectional and decolonial perspective, the representations of the types of violence suffered by underprivileged women, often subdued by their gender, social class, sexual and ethnic/racial identity, which can make them even more invisible. Therefore, such analysis is based on theorists such as: Evaristo (2005), Oliveira (2018), Lugones (2008), hooks (2014), Ribeiro (2016, 2017), Solnit (2017) among others. The conclusion was that the poetry of these authors allows marginalized women to carry out the cultural uprising against the patriarchal, racist, and classist society, occupying, in the context of Latin American poetic production, places of speech in the intellectuality, which they had been denied.

Keywords: Latin American Literature; Female Authorship; Intersectional feminism; Poetry; Contemporary Poets.

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, muito se tem discutido a respeito da literatura latino-americana de autoria feminina. Este fenômeno ocorre devido ao aumento de publicações literárias de mulheres no continente, principalmente, a partir do início do século XXI, quando algumas autoras começaram finalmente a ter mais visibilidade editorial. Recentemente, o jornal argentino *La Nación* publicou um artigo intitulado "*El nuevo boom latinoamericano: las escritoras marcan el rumbo*", aventando a participação das escritoras latino-americanas em um novo movimento literário.

As autoras entrevistadas para a matéria apresentaram uma visão contrária, ao considerar equivocada e injusta a etiqueta literária lançada pelo periódico, uma vez que o *boom latino-americano* dos anos de 1960 e 1970 tinha um caráter mais mercadológico, como aponta a escritora equatoriana María Fernanda Ampuero: "*en el que no necesariamente primaba el valor de las obras, sino otra cosa: crear una imagen de América Latina que fuera vendible*" (SCHERER, 2021).

Diferentemente dessa visão comercial, as escritoras contemporâneas reivindicam a naturalização de um espaço que sempre foi normalizado para os sujeitos masculinos. Nesse sentido, Dolores Reyes afirma que:

> *Si en la actualidad hay un boom latinoamericano en femenino, deseo que sea lo suficientemente fuerte para borrar los mecanismos que nos excluyeron durante años, para que ahora entremos las mujeres, las travas, las lesbianas y disidencias, autoras que abordan en su escritura un abanico que va desde ficcionalizar problemas sociales que están en carne viva hasta materiales absolutamente alejados de esos elementos identificables, la pura invención.* (SCHERER, 2021)

A partir dessa diversidade de escrituras e de escritoras é que consideramos importante discutir o tema das violências, no plural, que estão cotidianamente e estruturalmente presentes na vida social de muitas mulheres, de variados estratos sociais. Segundo as Nações Unidas, na Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, o conceito de violência de gênero é amplo e pode designar desde a violência física, passando pelas violências psicológica e sexual. Nestes termos,

> *"violence against women" means any act of gender based violence that results in, or is likely to result in, physical, sexual or psychological harm or suffering to women, including threats of such acts, coercion or arbitrary deprivation of liberty, whether occurring in public or in private life*[4]. (ONU, 1993)

Para analisar essa temática e como ela é representada na produção literária latino-americana, escolhemos por sua importância e diversidade de vozes poéticas *As 29 poetas hoje*, antologia de poemas recém publicada em 2021 e organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, que tem seu título inspirado em outra antologia também organizada pela autora, intitulada *26 poetas hoje*, que veio à luz pela primeira vez em 1976. No segundo caso, tratava-se de uma seleção de poetas e poemas que escreviam e expressavam um momento difícil não só do Brasil, mas de toda a América Latina, marcada por suas ditaduras militares em âmbito continental. *26 poetas hoje* trazia poemas de homens (muito mais de homens) e mulheres que vivenciaram essa experiência dos "anos de chumbo".

Quarenta e cinco anos depois de *26 poetas hoje*, Heloísa Buarque de Hollanda, em pleno diálogo com outras vozes femininas, abre espaço para encontrar essas mulheres da contemporaneidade, e por isso reúne poetas brasileiras que escrevem a partir da quarta onda do feminismo[5]. A escolha por essas poetas surge a partir de uma reflexão sobre a existência de uma poesia feminista hoje. A pesquisadora na apresentação da antologia assevera que prefere "pensar numa poética que, agora, passa a ser modulada por uma consciência política da condição de mulher e do que essa consciência pode se desdobrar em linguagens, temáticas e dicções poéticas" (HOLLANDA, 2021, p. 24).

Portanto, a ideia de reunir as 29 poetas brasileiras que ressignificam a poesia nacional e, por conseguinte, a latino-americana hoje emana da necessidade de identificar e apresentar uma poética de autoria feminina que fale sobre o seu entorno, sobre a sua realidade, muitas vezes marginalizada e oprimida, que expresse a luta das mulheres pelos seus direitos e que mostre que elas, hoje, são um exemplo de força, de organização e de resistência no enfrentamento à sociedade predominantemente patriarcal. Desse modo, os poemas selecionados na antologia tratam de uma miríade de temas, que vão desde o cotidiano, as divagações, as descobertas, as reflexões sobre o fazer poesia, até os femininos e os feminismos.

Um fator que merece destaque é o denominado "efeito Ana C.", que é considerado uma espécie de marco da poesia contemporânea. Ana Cristina Cesar - Ana C. - foi uma poeta que se destacou na década de 1970 e é citada por Hollanda na introdução de *As 29 poetas hoje* (2021). De acordo com Klien (2018), Ana C. foi considerada "a poeta ícone da geração marginal, que, em plena era do improviso e da oralidade, mostrou

4 "violência contra as mulheres" significa qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual ou psicológico ou sofrimento às mulheres, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade, seja ocorrendo na vida pública ou privada. (Tradução nossa)

5 Estamos de acordo com Olívia Cristina Perez e Arlene Martinez Ricoldi ao afirmarem que: "as características da quarta onda feminista no Brasil, iniciado nos últimos cinco anos, são: a presença dos meios de comunicação digitais; a adoção de diversas clivagens sociais atreladas ao gênero na luta feminista, ou a disseminação da ideia de um feminismo interseccional e a organização em forma de coletivos também pode ser considerada um traço da quarta onda feminista no Brasil". (PEREZ; RICOLDI, 2019)

o sobressalto e o desejo de experimentar uma voz feminina sofisticada, trabalhada, atuada, bem longe do que se conhecia até então como 'poesia de mulher'." (KLIEN, 2018, p. 105). Nesse sentido, os textos poéticos dela serviram de inspiração para a poesia produzida contemporaneamente e, conforme Hollanda, inserida na terceira onda feminista, Ana Cristina Cesar escreve sob essa ótica e busca incessantemente refletir acerca de uma poesia de mulheres, liberta das impressões de suavidade e sensibilidade.

Algumas perguntas nos surgem no decorrer da leitura que fizemos, como por exemplo, quem são essas mulheres que Hollanda nos traz na coletânea que organiza? De que lugar essas mulheres nos falam (RIBEIRO, 2017)? A melhor resposta para as perguntas advém de sua própria produção poética, que perpassa por várias temáticas em comum, ainda que desde lugares de fala diferentes. Tratam-se de mulheres negras, brancas, indígenas que transitam pelas periferias de São Paulo, do Rio de Janeiro, pelo Nordeste, pelo Sul ou pelos espaços mais elitizados das universidades brasileiras, demonstrando uma pluralidade de lugares de fala sociais. Apesar da diversidade da presença dessas mulheres e de suas respectivas poéticas, que vão focalizar o *modus operandi* do processo de subalternização, do racismo e do machismo estrutural que sofrem, há pontos de convergência que possibilitam uma aproximação e um diálogo feminista entre elas por meio da palavra poética, da linguagem que se torna um modo de enfrentar as tensões e os silêncios sociais. A violência, entendida aqui em sua forma mais ampla, é um dos fatores que permeiam a experiência social e estética dessas mulheres e é sobre ela que vamos focar a nossa leitura da obra.

As poetas elencadas por Heloísa Buarque de Hollanda para compor a antologia são: Adelaide Ivánova; Maria Isabel Iorio; Ana Carolina Assis; Elizandra Souza; Renata Machado Tupinambá; Bruna Mitrano; Rita Isadora Pessoa; Ana Fainguelernt; Luz Ribeiro; Danielle Magalhães; Catarina Lins; Érica Zíngano; Jarid Arraes; Luna Vitrolira; Mel Duarte; Liv Lagerblad; Marília Floôr Kosby; Luiza Romão; Raissa Éris Grimm Cabral; Cecília Floresta; Natasha Felix; Nina Rizzi; Stephanie Borges; Regina Azevedo; Valeska Torres; Bell Puã; Yasmin Nigri; Dinha; Marcia Mura. Todas elas muito jovens, nascidas a partir da década de 1970, com uma intensa atividade intelectual e um ativismo em prol da poesia e dos feminismos no contexto latino-americano, "poetas desconcertantes" (HOLLANDA, 2021, p. 25), porque rompem, por meio do verso transgressor, com tantas convenções sociais patriarcais, expondo abertamente as violências e opressões que recaem sobre as mulheres, quase sempre desde quando ainda são meninas.

Influenciadas pela quarta onda do feminismo, essas autoras compartilham um outro aspecto relevante: são mulheres que fazem seu ativismo também nas mídias digitais. A evolução dos meios de comunicação e a inserção da internet no contexto social dos indivíduos permitiu que surgisse o ciberativismo, Michel Serres (2015, p.241) afirma que o "acesso à informação é hoje imediato, fácil, e disponível a todo mundo pelas novas tecnologias, pela internet etc.", isto permite que as diversas pautas do feminismo transitem pelo ciberespaço, o que possibilita que essas discussões cheguem nas periferias. A própria Hollanda utiliza o meio digital em sua obra *As 29 poetas hoje* (2021); além do livro ser vendido na tradicional forma impressa, ele também está disponível no formato de *e-book*; ademais, há nas páginas do livro um *QR-Code* que permite que o leitor seja direcionado para uma mídia digital, na qual pode ouvir as

poetas declamar os poemas, possibilitando uma forma de interação, um diálogo maior entre as leitoras/os leitores e as autoras.

Para este artigo, selecionamos poemas de Luiza Romão, Renata Machado Tupinambá e Elizandra Souza para estabelecer uma leitura das expressões de violência, a partir de uma perspectiva interseccional e decolonial. A escolha poética se justifica porque, embora todas as mulheres sofram diversas violências ao longo de suas vidas, são as mulheres periféricas, entre elas as indígenas e as negras, muitas vezes subalternizadas por sua condição de gênero, de classe social, de identidade sexual e étnico/racial, que podem invisibilizá-las ainda mais. Além disso, os temas que permeiam os poemas das autoras apontam para uma denúncia, por meio da linguagem poética decolonial (ARAÚJO, 2017), dos problemas históricos vividos pelas mulheres latino-americanas a partir de sua gênese, iniciada com o embate gerado a partir da colonização europeia e sua permanência na colonialidade do poder (LUGONES, 2008).

Para estas discussões teóricas, nos pautamos em autoras e autores que vão discutir o feminismo negro como bell hooks (2014), Djamila Ribeiro (2016, 2017), Conceição Evaristo (2005), o feminismo decolonial como María Lugones (2008), a violência simbólica como Pierre Bordieu (2002), Rebecca Solnit (2017), entre outras. Nosso ponto de partida para as análises é a concepção de que a violência contra as mulheres latino-americanas, sobretudo, das mulheres periféricas, é estrutural e vem junto com a colonização, chegando até a atualidade. Nosso percurso de leitura começa justamente com a leitura de poemas que vão ressignificar e desconstruir a história da colonização latino-americana, principalmente, no espaço brasileiro, por meio das expressões poéticas de Luiza Romão, Renata Machado Tupinambá e Elizandra Souza.

1. A REDESCOBERTA DO BRASIL NA POESIA DE LUIZA ROMÃO E RENATA MACHADO TUPINAMBÁ

Para iniciar nossa leitura dos poemas, torna-se importante também visibilizar a produção intelectual e artística de suas autoras. Começamos por apresentar Luiza Romão, nascida em 1992 em Ribeirão Preto, São Paulo, poeta, atriz e *slammer*, com formação acadêmica em Artes Cênicas pela USP e várias participações em *slams*, dos quais foi campeã, a exemplo do Slam do 13 e do Slam da Guilhermina e vice-campeã nacional do Slam BR. Em 2014 publica seu primeiro livro de poemas, intitulado *Coquetel Motolove*, pelo independente Selo Burro. *Sangria*, também publicado pelo mesmo selo, é a sua segunda obra poética lançada em 2017, com projeto fotográfico de Sérgio Silva. Além de sua atuação no Slam das Minas SP, Luiza Romão produziu mais de 20 vídeo-poemas[6], incluindo a série "Revide" e a série "Sangria", que complementa também o projeto do livro de poemas. Em 2021, publica *Guardamos pedras aqui*, pela Editora Nós, apresentando sua produção poética por meio de outra produção artística, a da performance de *spoken word*, em seu canal do YouTube[7].

6 Os vídeo-poemas da autora são amplamente divulgados nas redes sociais e no YouTube, a exemplo do poema "Revide", que pode ser encontrado em https://www.youtube.com/watch?v=V0s0niJxfxc .

7 A performance pode ser vista em https://www.youtube.com/watch?v=rMtRIUn4fik .

POETA+ATRIZ+E+SLAMMER+LUIZA+ROMAO+SOLTA+A+CANETA+E+O+VERBO+NO+SESC+RIO+PRETO



Fonte:https://www.sescsp.org.br/online/artigo/11812

O poema de Luiza Romão que faz parte de *As 29 poetas hoje*, foi publicado originalmente em *Sangria* (2017), obra que trata de desvelar uma história do Brasil recontada a partir da perspectiva do corpo feminino, sobretudo, do útero, que marca os 28 dias/poemas/imagens que compõem o livro. Publicado originalmente em uma edição bilíngue, os poemas são escritos em português e em espanhol, aproximando ainda mais o vínculo da poeta com a produção de mulheres da América Latina. Cada poema tem uma relação direta com os 28 dias do ciclo menstrual, terminando exatamente com a menstruação.

Heloísa Buarque de Hollanda, ao escrever o prefácio de *Sangria*, apresenta a produção de Romão da seguinte maneira para as leitoras e os leitores:

> São várias as formas como este trabalho pode ser lido e sentido. Escolho o de uma estética militante, inovadora e radical. Em jogo, estão o corpo, a história e seus intérpretes e a falta de ar, num dos mais complexos momentos políticos do país. No fundo, um agitado jogo de sombras que projetam formas de colonização violentas e opressoras, perpetuando-se num eterno fluxo e refluxo (HOLLANDA, 2017, p. 8).

As palavras de Hollanda dialogam com a perspectiva de María Lugones (2008), que discute o "proceso binario, dicotómico y jerárquico" (LUGONES, 2008, p. 82) construído desde a colonização europeia. Nesse sentido, as categorias adotadas pela teoria da interseccionalidade como "mulher" e "negro" não alcançam a "mujer de color" (LUGONES, 2008, p. 82) utilizada para a unificação de mulheres negras, mestiças, indígenas, mulatas, chicanas e toda a multiplicidade de mulheres que experienciaram a opressão da colonialidade de gênero.

Sobre a questão da subalternização das mulheres, a historiadora Ana Maria Colling explica suas origens na civilização ocidental, desde os primórdios, ao ponderar que:

> A maneira androcêntrica de identificar a humanidade e de fazer das mulheres seres menores, a meio passo das crianças, é muito antiga, remonta à cultura grega. Para os gregos, a mulher era excluída do mundo do pensamento, do conhecimento, tão

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 239 – 258 | mai/ago 2021

> valorizado pela sua civilização. Com os romanos, em seu código legal, é legitimada a discriminação feminina, através da instituição jurídica do paterfamílias, que atribuía ao homem todo o poder: sobre a mulher, os filhos, os servos e os escravos. (COLLING, 2014, p. 23)

Nesse sentido, com a chegada e dominação dos europeus ao continente americano, as estruturas de organizações sociais euro/falocêntricas também serão transpostas para as colônias, sobrepondo-se a outras formas de sociedades que pudessem existir. Com isso, recebemos nessa herança colonial o machismo histórico e estrutural que permeia nos dias de hoje o nosso contexto social. Para corroborar nossa afirmação, Lugones (2008, p. 79), ao discutir a colonialidade do poder, pondera que: "todo control del sexo, la subjetividad, la autoridad, y el trabajo, están expresados en conexión con la colonialidad". Tal assertiva pode ser vista no poema "dia 1. Nome completo", que desconstrói a ideia ufanista do descobrimento do Brasil e "Retomada originária", que questiona a origem do Brasil, como o poema de Luiza Romão.

O poema "dia 1. Nome completo", a partir de uma linguagem transgressora, apresenta uma tentativa de explicar o nome Brasil, dado para a nossa terra.

DIA 1. NOME COMPLETO

eu queria escrever a palavra br*+^%
a palavra br*+^% queria escrever eu
palavra eu br*+^% escrever queria

BRASIL

eu queria escrever a palavra brasil

aquela em nome da qual
tanto homem se faz bicho
tanto bandido general
aquele em nome de quem
a borracha vira bala
a perversidade qualidade de bem

aquela empunhado em canto
atestada em docs
que esconde pranto
mãe do dops

eu queria escrever a palavra brasil
mas a caneta
num ato de legítima revolta
feito quem se cansa

de narrar sempre a mesma trajetória
me disse "PARA
e VOLTA
pro começo da frase
do livro
da história
volta pra cabral e as cruzes lusitanas
e se pergunte
DA ONDE VEM ESSE NOME?"

palavra-mercadoria
brasil

PAU-BRASIL
o pau-branco hegemônico
enfiado à torto e à direto
suposto direito
de violar mulheres
o pau-a-pique
o pau-de-arara
o pau-de-araque
o pau-de-sebo
o pau-de-selfie
o pau-de-fogo
o pau-de-fita
O PAU
face e orgulho nacional

A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO
matas virgens
virgens mortas

A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO
pedro ejaculando-se
dom precoce
deodoro metendo a espada
entre a s pernas
de uma princesa babel
costa e silva gemendo cinco vezes

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 239 – 258 | mai/ago 2021

AI AI AI AI AI

getúlio juscelino geisel
collor jânio sarney
a decisão parte da cabeça
do membro ereto
de quem é a favor da redução
mas vê vida num feto

é o pau-brasil
multiplicado trinta e três vezes
e enterrado numa só garota

olho pra caneta e tenho certeza
não escreverei mais o nome desse país
enquanto estupro for prática cotidiana
e o modelo de mulher
a mãe gentil

Ao não conseguir pronunciar o nome do país, a "eu lírica" inicia uma série de questionamentos a respeito da origem do nome e de seu significado, na tentativa de compreender também o processo histórico que constitui a nação. Essa busca pelo significado do nome parte da contemporaneidade em direção à época da colonização para entender que o país nasce de um processo de violências, simbolizado no texto poético pela imagem do estupro, a "eu lírica" apresenta dois versos contundentes, o primeiro afirma em letras maiúsculas, como em um grito de revolta, que "A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO" e "A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO" (ROMÃO, 2021). Esses dois versos permitem estabelecer uma relação direta do corpo feminino com a história do Brasil, possibilitando o diálogo entre o poético e o real, ao mesmo tempo em que instauram uma ação memorialista, representada pelas tensões que se evidenciam ao longo do poema. Neste sentido, rememorar os acontecimentos da história do Brasil é primordial para entender nossas origens, marcadas por tensões, violências e silenciamentos que permaneceram ao longo de séculos, afinal, a perspectiva lançada pela "eu lírica" de que nossa história começa por meio de um estupro, com vários sentidos metafóricos, é uma visão mais contemporânea e crítica de nossa história.

Essa relação advém do processo de exploração das riquezas da terra e juntamente do corpo feminino,. Como considera María Lugones (2008), com a colonização europeia recebemos de herança todo o sistema patriarcal ocidental, caracterizado pela submissão do corpo feminino, que sofre e é subjugado aos desejos masculinos, elencados nos nomes de personagens históricos ao longo de todo o poema.

Os nomes grafados todos em letra minúscula, como forma de revisitar e desautorizar esses vultos históricos, representam vários momentos decisivos da história do país, a exemplo de cabral, deodoro, costa e silva, getúlio, juscelino, geisel, collor, jânio e sarney. A grafia em letra minúscula é simbólica, porque afronta o poder que todos esses nomes masculinos representaram e trouxeram consigo desde o início do

descobrimento, com Pedro Álvares Cabral, perpetuando-se na memória histórica, inclusive com personagens que tiveram uma trajetória autoritária e repressora como no caso dos ditadores que o Brasil colecionou nos anos de 1960 e 1970, Getúlio Vargas, Ernesto Geisel e Costa e Silva ou de governos marcados pela corrupção, como é o caso do ex presidente Fernando Collor de Mello, que sofreu um processo de *impeachment*, que o levaria à renúncia da presidência em 1992.

No poema, a violência política, marcada nos versos "aquele em nome de quem/ a borracha vira bala/ a perversidade qualidade de bem" (ROMÃO, 2021) se mistura com a violência física daqueles que foram perseguidos e se tornaram presos políticos ou desaparecidos, como se verifica em "aquela empunhado em canto/ atestada em docs/ que esconde pranto/ mãe do dops" (ROMÃO, 2021), em clara referência às mães desesperadas que tentavam encontrar seus filhos e suas filhas no Departamento de Ordem Política e Social, órgão do governo brasileiro, criado em 1924 durante o governo de Vargas. .

Logo na sequência, o poema apresenta outro tipo de violência, a sexual, que é relatada nos versos em relação às mulheres da terra. Em uma alusão ao órgão sexual masculino, o termo "PAU-BRASIL" é grafado em letra maiúscula para mais uma vez chamar a atenção ao processo de exploração do corpo feminino, que é violado, apropriado e colonizado. Em um jogo de palavras que o substantivo pau vai se combinando (pau-a-pique, pau-de-arara, pau-de-araque, pau-de-sebo, pau-de-selfie, pau-de-fogo e pau-de-fita) e entre o passado colonial e o presente decolonial, a "eu poética" vai tecendo essas relações e evidenciando as violências que as "matas virgens/ virgens mortas" (ROMÃO, 2021) sofrem até a atualidade do "enquanto estupro for prática cotidiana/ e o modelo de mulher/ a mãe gentil" (ROMÃO, 2021), nesse país que insiste em fechar os olhos para enxergar as violências que ferem e matam as mulheres há tempos, desde os primórdios da colonização.

Outro poema que estabelece relação com o poema de Romão e que está presente em *As 29 poetas hoje* (2021) é "Retomada originária", de autoria de Renata Machado Tupinambá, da própria etnia tupinambá, nascida em 1989 em Niterói, no Rio de Janeiro. Também com formação acadêmica, Renata é jornalista, produtora, roteirista e poeta, fundadora da Rádio Yandê, a primeira etnomídia do Brasil, conforme a própria rádio se intitula.[8]

Título da figura?????????XXXXXXXXXXXXXXX



Fonte:https://pib.socioambiental.org/pt/%E2%80%9CEu_quero_ligar_a_TV_e_ter_ali_um_conte%C3%BAdo_produzido_por_ind%C3%ADgenas%E2%80%9D

8 Disponível em: https://radioyande.com/

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 239 - 258 | mai/ago 2021

Nesse poema, a voz poética, assim como a do texto lírico de Romão, desconstrói, em uma linguagem subversiva, a questão do processo colonizador.

Retomada originária
Vamos falar da verdadeira história, que os colonizadores escondem
nas estátuas erguidas por todo brasil, a pátria que não nos pariu.

Carrego a memória de um povo,
as muitas vozes dos meus avós,
meu destino é ser onça?
vivo e respiro com meus antepassados
os velhos retornam para cumprir seus destinos
da amazônia ao pará, do pará a salvador, de ilhéus ao rio de janeiro
por todo litoral
somos tuba ypy abá
somos tupinambá
os primeiros
uma grande família do tronco tupi
prazer me chamam de aracy
sou ara tykyra do clã de Maria Laurinda da Conceição,
morta com uma bala no peito

Na nossa pele dizem que mestiçagem pode ser um defeito
recebemos muitos nomes ao longo da caminhada em busca de uma
terra sem males
os verdadeiros heróis foram esquartejados
e até em paredes seus ossos cimentados

s e torturas, daqueles que não tiveram medo.
embaixo e em cima dos concretos vozes desejam
liberdade mas alguns religiosos agem com iniquidade apesar da idade
o sono é apenas dos justos.
a insônia é dos mutilados
a terra geme um grito abafado
as paredes são muros de pele e ossos
o que os políticos querem é comprar os seus votos
o crochê deles é feito com pedaços de muitos corpos
assassinados pelo legislativo, judiciários e executivo
do brasil
pátria que não nos pariu

> abro a mordaça
> rasgo a couraça
> quebro o concreto
> tenho fome de essência
> faço da cultura minha ciência
> nossa raiz é resistência e identidade
> voz um caminho para a liberdade.

O próprio título do poema já nos permite imaginar a recuperação da terra pelos povos que primeiro habitaram o solo brasileiro - os indígenas. Nos primeiros versos, a "eu lírica" menciona inclusive que a história da colonização que se conta não é genuína e denomina o país como sendo "a pátria que não nos pariu". Nessa perspectiva, as vozes primitivas não se sentem parte da transformação praticada no território a partir das ações colonizadoras. O mesmo verso é repetido outra vez ao longo do poema, enfatizando a ideia de não pertencimento a um projeto violento de nação.

A voz poética no poema de Tupinambá invoca a sua ancestralidade e nomeia região, estado, cidades - marcados com letra minúscula - e menciona inclusive o litoral para assim demonstrar a imensidão do território brasileiro anteriormente habitado pela população indígena de etnia tupinambá. Em um dos versos dessa segunda estrofe, encontramos "somos tupinambá / os primeiros" (TUPINAMBÁ, 2021), o que nos remete à ideia de que os indígenas foram, de fato, os povos habitantes originários das terras brasileiras, antes da intervenção colonizadora.

O ritmo da segunda estrofe culmina com a menção de um assassinato, como podemos constatar nos antepenúltimos versos: "sou ara tykyra do clã de Maria Laurinda da Conceição,/ morta com uma bala no peito" (TUPINAMBÁ, 2021). Para o fechamento da estrofe, há uma reflexão acerca da banalidade do genocídio indígena, marcado pelo argumento de superioridade do colonizador europeu branco - "Na nossa pele dizem que mestiçagem pode ser um defeito". A menção da palavra "defeito" reforça o caráter racista e retrógrado do discurso presente na sociedade contemporânea.

Conforme Marize Vieira de Oliveira (2018), não conhecer a realidade sobre a questão indígena

> foi uma política estabelecida pelo Estado brasileiro para negar a identidade indígena e estabelecer a partir da ignorância uma campanha de desqualificação dessa cultura e desses povos. Assim, criou-se o preconceito e o processo de desindigenização. Esse processo faz com que o povo brasileiro desconheça o quão indígena é [...] (OLIVEIRA, 2018, p. 308).

Nesse sentido, não conhecer a história, os costumes, os hábitos e a cultura dos povos indígenas brasileiros é se colocar como cúmplice de um processo de apagamento, de desinformação.

No início da terceira estrofe, a voz poética expõe o recebimento de vários nomes, que se pode compreender e resgatar os substantivos "bárbaros" e "selvagens"; ademais, menciona a "busca de uma terra sem males", salientando, desde o nosso ponto de vista, a ausência do cristianimo, dos hábitos e dos costumes europeus e conferindo à cultura

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 239 – 258 | mai/ago 2021

indígena marcas de ignorância. A voz poética ressalta a violência desse processo como podemos observar nos seguintes versos: "os verdadeiros heróis foram esquartejados / e até em paredes seus ossos cimentados", fazendo menção ao genocídio indígena perpetuado historicamente.

Além da demanda indígena, a "eu lírica" expõe também a violência contra negros que se evidencia nos versos que seguem: "No cais eu vi pretos novos / jovens trazidos de longe que nunca mais viram suas famílias de novo" - alusão irrefutável da escravidão. Tanto os indígenas quanto os negros mencionados no poema viraram, como alegado pela voz lírica, "objetos do mundo novo"; em outras palavras, serviram aos propósitos colonizadores, seja como objetos, almas pecadoras ou mercadorias. Essas populações serviram como atração ao homem branco europeu, o que podemos notar no verso: "fetiche de antropólogos, missionários e romancistas".

Em seguida, no texto poético, há uma perpetuação da mesma ideia, demonstrada a partir de uma crítica ao estudo acadêmico das populações indígenas, que ainda é restrito e pequeno - "hoje apenas o currículo lattes dos grandes especialistas"; como se as populações nativas servissem novamente a um propósito de serem observadas. Nessa mesma perspectiva, há a continuidade de crítica em relação à ausência de amparo aos indígenas e a continuidade das ações violentas: "do serviço de desproteção ao índio / encontrado no relatório figueiredo / de extermínios, roubos, estupros, mortes e torturas, daqueles que não tiveram medo."; desse modo, é perceptível que os órgãos que deveriam intervir em favor dos indígenas não cumprem totalmente o seu dever.

Para reprimir as ações atrozes, Oliveira (2018) registra que as associações indígenas existentes

> Lutam para que a violência causada a mando do agronegócio contra suas aldeias não fique impune. as violências são muitas, desde a associação do setor à política (como a bancada ruralista), com leis de retirada de direitos dos seus territórios tradicionais (como a PEC 215), ao conluio com o judiciário, que impede por anos o avanço de processos de demarcação de terras, passando pelo banditismo promovido por capangas do agronegócio, que, para estabelecer o terror e a desesperança nas comunidades, estupram as mulheres indígenas, espancam e assassinam jovens, idosos e idosas e crianças. (OLIVEIRA, 2018, p. 304).

Dessa maneira, o enfrentamento dos indígenas contra atos violentos e contra um sistema precário ainda é constante e árduo, como pudemos verificar na passagem acima e na voz poética do texto lírico de Tupinambá.

No mesmo viés analítico, a "eu lírica" aborda também a ação religiosa e a corrupção política, fechando a antepenúltima estrofe com uma afirmação incisiva: "assassinados pelo legislativo, judiciário e executivo / do brasil / pátria que não nos pariu" (TUPINAMBÁ, 2021). Assim, o genocídio da população indígena é outra vez relembrada e nós, leitoras, somos levadas à reflexão da problemática enquanto parte da sociedade brasileira. A última estrofe é, pois, apresentada - muito mais curta do que a anterior, conta com sete versos que protestam contra a barbárie contra uma população hoje estigmatizada e marginalizada, além de buscar romper silenciamento social diante das atrocidades. A voz poética se levanta e conclui: "nossa raiz é resistência e identidade / voz um caminho para a liberdade" (TUPINAMBÁ, 2021).

CC BY NC SA

À vista disso, é imprescindível compreender o processo de colonização como violento e, em conformidade com Lugones (2008), longo, intermitente, heterogêneo, que inferiorizam especialmente as mulheres. Ademais, a agressividade contra as mulheres se afirma, segundo Solnit (2017), em oposição às nossas vivências e vozes: "É uma recusa das nossas vozes e do que significa uma voz: o direito de autodeterminação, de participação, de concordância ou divergência, de viver e participar, de interpretar e narrar" (SOLNIT, 2017, p. 30). Dessa maneira, a voz lírica reivindica, ao final do poema, o direito de se pronunciar e participar da sociedade em que vive.

2. A "PALAVRA DE MULHER PRETA" DE ELIZANDRA SOUZA

Uma das escritoras que compõem o livro organizado por Hollanda é Elizandra Souza, poeta, editora, jornalista e ativista cultural, integrante do Sarau das Pretas e fundadora do Coletivo Mjiba. A escritora nasceu na periferia de São Paulo, e descobriu na poesia uma possibilidade de ter voz e de falar sobre os temas que a inquietavam, como por exemplo, o preconceito racial e a violência de gênero. Em 2012, a poeta lança o livro *Águas da Cabaça*, que aborda a temática da violência contra a mulher.

Título da figura?????????XXXXXXXXXXXXXXXXX



Fonte:http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1054-elizandra-souza

A poesia de Elizandra Souza ressoa a luta constante de mulheres negras em busca da sua legitimidade em todas as esferas da sociedade. As palavras evocadas pela escritora vertem o sofrimento e a subalternidade de uma classe feminina que não se viu representada pelo movimento feminista por um longo período de tempo e que também não sentia falta dessa representação, pois eram uma "nova geração de mulheres negras que foram ensinadas a submeterem-se, a aceitarem a inferioridade sexual e a serem silenciosas." (HOOKS, 2014, p.5)

É neste cenário periférico e marginal que Elizandra Souza busca subverter o papel da mulher negra na sociedade, outorgando à sua poesia e ao seu ativismo nas

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 239 - 258 | mai/ago 2021

periferias de São Paulo um lugar de direito de fala das mulheres negras, legitimando e empoderando o movimento do feminismo negro no Brasil. bell hooks (2014) afirma que há poucas mulheres negras que hoje acreditam no feminismo, pois não se sentem representadas neste cenário e não veem as suas lutas sendo colocadas em pauta. Por isso, a importância de autoras e ativistas como Elizandra Souza serem reconhecidas e terem os seus trabalhos divulgados, visto que elas servem de inspiração para outras mulheres e mostram que é possível se engajar na luta pelos seus direitos.

Em seu poema "Palavra de mulher preta", a autora reacende o debate pelo direito de fala da mulher preta, que ainda hoje é negado pela sociedade, mostrando que tal fato causa sofrimento a essas mulheres:

Palavra de mulher preta
Palavra de Mulher Preta
Mulher preta de palavra
Preta de palavra
Palavra de Preta

Lava alma preta
Palavra sagrada de mulher
Se a minha alma é preta
E a minha sociedade não me aceita
Minha palavra sagrada sangra

Palavras que nos irmanam
Separam o joio do trigo
...o barro do rio que decanta
...encantam os versos da preta
...palavras que declama

Clama, canta, encanta
De cantaremos o preconceito
Até que ele teme para o longe
Fique sem eira nem beira...
Vá para o ontem....

Palavra de mulher preta
Mulher preta de palavra
Preta de Palavra
Palavra de Preta

Na contemporaneidade, a mulher preta já não aceita mais ser silenciada e emudecida nos diversos cenários políticos-sociais, porém ainda sofre com o preconceito racial. Carrega consigo não somente o infortúnio de ser mulher, mas de ser uma mulher preta,

como podemos observar no seguinte trecho: "Se a minha alma é preta/ E a minha sociedade não me aceita/ Minha palavra sagrada sangra". Outro ponto de destaque nesse fragmento é que a voz poética reafirma que a negritude não está somente na pele, na melanina, mas sim, na alma, evidenciando que há uma ancestralidade da mulher negra que faz parte da construção do "ser" mulher hoje, criando um vínculo entre gerações. Esses vínculos perpetuam porque sempre houve resistência por parte das mulheres negras, é um movimento que, segundo Ribeiro (2016), ocorre também no período da escravidão, já que mulheres negras sempre desempenharam papel importante na sobrevivência do povo negro, eram líderes nos terreiros e responsáveis pela manutenção dos saberes e da cultura daquele grupo.

Apesar de hoje existir a possibilidade de se falar sobre feminismo e sobre os sufrágios da mulher na atualidade, ainda há uma separação entre quem pode ou não falar sobre a temática, no trecho "Palavras que nos irmanam / Separam o joio do trigo" (SOUZA, 2021), a "eu lírica" compara o joio ao feminismo negro, uma vez que a planta é rechaçada pela sociedade, pois é considerada uma praga que contamina o trigo. Já o feminismo branco é comparado ao trigo, a semente boa, aquela que é a mais cultivada e tem uma longa e antiga tradição de consumo. Ainda na mesma estrofe, a voz poética continua com a comparação "...o barro do rio que decanta", o barro sendo considerado o feminismo negro, aquele que vai para o fundo do rio, pois contamina e torna impura a água que corre o rio. Mais uma vez o feminismo branco segue a correnteza do rio, fugindo do barro sujo e cheio de impurezas; o barro, por sua vez, segue o fluxo da natureza e vai para as profundezas do rio, lugar ao qual pertence.

Nesse sentido, percebemos que ter o direito de se expressar negado é também uma forma de violência, o que Pierre Bordieu (2002) nomeia como "violência simbólica". Essa violência não apresenta lesões físicas, pois está intimamente ligada ao processo de relação interpessoal entre os sujeitos e também na relação de poder que é construída entre eles. Os danos não são necessariamente físicos, mas trazem ferimentos mais profundos ao violentado, ferem a sua alma e o seu desejo de ser. Bourdieu (2002) nos explica como a violência simbólica se engendra:

> A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2002, p. 46).

Portanto, as violências que as mulheres negras sofrem ao longo de suas vidas são decorrentes de um sistema político-social que proporciona que esse tipo de comportamento por parte sociedade seja considerado normal. Bourdieu (2002) assevera que as estruturas de dominação "são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos [...] e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado" (BOURDIEU, 2002, p. 46), por isso, há a necessidade de romper com discursos machistas, misóginos e racistas, para que as mulheres, principalmente as negras, possam estar à frente de suas vidas.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 239 - 258 | mai/ago 2021

Porém, todo esse emudecimento sofrido por gerações de mulheres pretas começa a ser visto com outros olhos pelas mulheres da contemporaneidade. Diante da globalização e dos fenômenos digitais que atingem a população, as mulheres negras começam a compreender que podem ocupar espaços diversos na sociedade. Um desses espaços é a literatura, vindo das periferias e dos espaços subalternos a mulher consegue na literatura criar seus versos, declamar seus poemas ".....encantam os versos da preta/ ...palavras que declama". Ribeiro (2016) assevera que dentro do movimento feminista muitas histórias e narrativas de mulheres negras foram silenciadas e invisibilizadas, o que trouxe à tona no século 19 a pauta da interseccionalidade. Foi nesse espaço que a mulher preta pôde questionar o feminismo, pois ele não englobava todas as mulheres; Sojouner Truth foi uma das ativistas negras que indagou sobre a temática no ano de 1851, tornando-se uma figura importante no movimento feminista negro.

Entretanto, os debates sobre a interseccionalidade ganham notoriedade apenas nos anos de 1970 e 1980 com o movimento *Black Feminism*, que questionava o feminismo heteronormativo, classista e branco. Uma das intelectuais e ativistas negras que contribuíram de maneira significativa para as discussões acerca do feminismo negro foi a estadunidense Kimberlé Crenshaw, sendo ela a responsável por cunhar o conceito de interseccionalidade no ano de 1989. Para Crenshaw (2002, p. 177), a interseccionalidade "trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras". Nesse sentido, verificamos que as mulheres estão vinculadas a esse fluxo de eixos de poder que condicionam a sua subordinação, isso porque são mulheres (eixo do gênero), negras (eixo racial), e em sua maioria pobres (eixo social); todos esses marcadores sociais atravessam essas mulheres e causam indagações com relação ao feminismo que as representava - ou que afirmava representar - até aquele momento.

No poema, o tema da invisibilidade da mulher negra continua sendo versado na quarta estrofe com o seguinte verso "clama, canta, encanta", conforme Evaristo "[...] surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido." (2005, p. 205), portanto as palavras que são declamadas pelas mulheres negras são uma súplica; vociferam e reivindicam serem ouvidas pela sociedade, é sua vivência sendo evidenciada na escrita. Há, desta maneira, o questionamento ao feminismo que é unificado, que restringe a categoria mulher a uma unidade, o conceito de "mulher" já não cabe mais naquele espaço. Por isso os discursos começam a ser "cantados" e revelados por meio da literatura e de outras expressões artísticas, sendo por meio dessas manifestações que acontece o fenômeno do encantamento, propiciando o levante contra o racismo, o machismo e a violência de gênero.

O encantamento perpassa os versos da autora e alcança aquelas que estão alheias ao movimento das mulheres negras, fazendo com que vislumbrem na literatura e na poesia, assim como em outras artes, uma oportunidade de combater as suas inquietações, os seus medos e mais do que isso, combater a sociedade racista e misógina. Desse modo, conforme a "eu lírica" declara e convoca: "De-cantaremos o preconceito\Até que ele teme para o longe\Fique sem eira nem beira..." O sentimento de libertação e de enfrentamento causa a mudança na mulher, aquela "palavra de mulher preta", aqueles medos, anseios, dúvidas e indignações transformam essa mulher preta. Ela torna-se uma "mulher preta de palavra".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas, concluímos que é necessária uma mudança político-social referente aos temas que envolvem as mulheres, haja vista que o fato de ser mulher por si só ocasiona diversos tipos de violências. Os poemas aqui estudados têm o papel de levantar essas questões ao denunciar as expressões de violências que permeiam os corpos femininos, permitindo uma tomada de consciência feminista e dos feminismos que os versos invocam ao examinar e percorrer poeticamente a história do Brasil, que pode ser entendida como uma metonímia da própria história da América Latina.

Portanto, os poemas de Luiza Romão, Renata Machado Tupinambá, Elizandra Souza e de outras poetas contemporâneas presentes na antologia *As 29 poetas hoje* (2021) ou em outras obras, canais, plataformas, formatos é de suma importância, na medida em que exprimem a insurgência das vozes femininas. Desse modo, por meio da palavra tomada, da voz poética, as mulheres podem se libertar do silêncio das "jaulas" mencionado por Solnit (2017), das violências evidenciadas pela brutalidade da colonização e da violência contra a mulher indígena e contra a mulher negra nos poemas "dia 1. nome completo", "Retomada originária" e "Palavra de mulher preta".

Concluímos que a poesia destas autoras propicia que as mulheres marginalizadas possam realizar o levante cultural contra a sociedade patriarcal, racista e classista, passando a ocupar, no contexto da produção poética latino-americana, lugares de fala na intelectualidade que até então lhes eram negados.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 239 - 258 | mai/ago 2021

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. **"Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero".** Estudos Feministas, ano 10, n° 1/2002, pp. 171-188.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais:** a construção do corpo feminino na história. Dourados, MS: UFGD, 2014.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In:* MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Idéia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, número 9, p. 73-101, julio-diciembre/2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **As 29 poetas hoje**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HOOKS, bell. **Não sou eu uma mulher:** Mulheres negras e feminismo. Trad. livre da Plataforma Gueto. Rio de Janeiro: Plataforma Gueto, 2014.

KLIEN, Julia. Poesia. *In:* HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão Feminista**: arte, cutura, política e universidade. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Marize Vieira. Feminismo indígena. *In:* HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão Feminista**: arte, cutura, política e universidade. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ONU. Declaration on the Elimination of Violence against Women. Disponível em: https://www.un.org/en/genocideprevention/documents/atrocity-crimes/Doc.21_declaration%20elimination%20vaw.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

PEREIRA, Diana Araujo. El quehacer poético en clave descolonial. **HYBRIS.** Revista de Filosofía, Vol. 8 N° Especial: El mestizaje imposible, Septiembre 2017, pp. 253-272.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. 2019. Disponível em: https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf. Acesso em: 18 mai. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro**: para além de um discurso identitário. Cult, n. 219 (Dossiê A Quarta Onda do Feminismo), dez./2016.

____. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Scherer. Fabiana. El nuevo boom latinoamericano: las escritoras marcan el rumbo. **La Nación**. Buenos Aires, 12 jun. 2021. Disponível em: https://www.lanacion.com.ar/lifestyle/el-nuevo-boom-latinoamericano-las-escritoras-marcan-el-rumbo-nid12062021/?-fbclid=IwAR10c-FGWXo0fAIiEhTk_gT1Bh0cy75yqb2CHD_X6Sc11VLEeh-4gvxRLyM. Acesso em: 15 jun.2021.

SERRES, Michel. **Educação e Contemporaneidade em Michel Serres**. [Entrevista concedida a] Maria Emanuela Esteves dos Santos. Diverso e Prosa, jan-abr 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/vj8dB44FRFFK4nsbYWH6ZLP/?lang=pt. Acesso em: 10 maio 2021.

SOLNIT, Rebecca. Uma breve história do silêncio. *In:* ____. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Recebido em 15/06/2021
Aprovado em 09/08/2021